Campinas, 247 anos!

emp. 2. 10. 1. 72

Jolumá Britto

II

E o Almanaque tem somente noventa e oito anos, e quem quiser poderá consultá-lo em minha residência. Diz lá o documento: "... O Rev. Antônio de Pádua, religioso da Ordem dos Menores de São Francisco, o qual celebrou a primeira missa, depois de benzer, e precedendo as mesmas cerimônias na dita Capelinha aos 12 de julho de 1772".

No ano de 1881 o documento e livro do Tombo consulados estavam em perfeito estado, que não admitiam dúvidas, como hoje acontece com o 14 de julho de 1774, um pouco delido, ou apagado pela ação do tempo sobre o papel manuscrito, pois, lá escreveu em 1881 o padre Constantini... "O livro do Tombo já muito velho traz a data de 1776, mas está bem conservado na Paróquia da Conceição...".

O nosso atual Prefeito sr. Francisco Amaral já o aceitou pacificamente, pelo menos o ano da fundação de Campinas "1732", pois que em seu discurso de 14 de julho de 1978 afirmou categoricamente: "A história de Campinas começa em 1732...". Homem inteligente o sr. Amaral reconhece a razão indiscutível de documento que é história; sua afirmação consagra-me como homem da verdade. No entanto, aquela "Capelinha" a que faz referência o papel do Padre Constantino é a mesma a que Francisco Quirino dos Santos se refere em documento que escreveu em 1871, e transcrito no Almanaque para o ano de 1900, de que também possuo um exemplar, à disposição de quem queria consultá-lo. Trata-se de "Campinas, notícia histórica (1871). Escrevendo ele sobre as cerimônias da primeira missa em Campinas, na Capelinha, em 12 de julho de 1772. Se muita gente pensa, ainda, que essa primeira manifestação religiosa de nossa gente foi celebrada na atual igreja de Nossa Senhora do Carmo, está redondamente equivocada. Naquele ano, no escrito e reminiscência do autor das "Es-

trêlas Errantes", escreveu ele: "... Aquelles extensos cordões de excelentes prédios e lindas edificações não havia ainda em 1772. Estes sertões, como lhes chama o Livro do Tombo que temos entre as mãos", diz o fundador da Gazeta de Campinas, "— eram trilhados, antigamente, de passagem, pelos afutos paulistas quando acometiam os invios confins de Mato Grosso e Goiás. E que a Capelinha primitiva "interina", somente foi substituída pela atual Basílica de Nossa Senhora do Carmo quando de sua inauguração, em 25 de julho de 1781. De maneira que, de modo algum, a primeira missa que querem tenham sido celebrada a 14 de julho de 1774 não podia ter acontecido, pois que esse dia da semana era uma quinta-feira e na mesma data foi batizado um neto de Barreto Leme, — Domingos da Costa Machado. Na descrição de Quirino dos Santos, a Capelinha aparece assim: "A Igrejinha é estreita e baixa". A de Santa Cruz era larga e alta, inaugurada que foi em 25 de julho de 1781. "Inteira coberta de palha. Não importa".

E numa Igreja sem altares, mesmo o chamado "mór" que é o central, sem pia batismal ou outros quaisquer arranjos jamais poderia servir para a celebração da primeira missa, ainda mais: coberta de palha!".

Desde aqueles dias o orgulho dos campineiros não iria permitir tal descalabro num templo substituindo a "interina", a provisória, construída onde está hoje a estátua de Carlos Gomes.

Mesmo antes que Antônio da Cunha de Abreu requeresse a sesmaria, a primeira de que se possui documento transcrito devidamente em "Sesmarias" — publicação oficial do Arquivo do Estado de São Paulo, volume 2.º, páginas 528, não existe outro papel. E esta foi confirmada em 15 de novembro de 1732, há duzentos e quarenta e sete anos!

Diário do Povo - 7-VIII-1979